

## Professor Moacyr Amaral Santos, novo titular da cátedra de direito judiciário civil.

O prof. Moacyr Amaral Santos nasceu em Capivari, Estado de São Paulo, aos 25 de julho de 1902, filho de José Estevam dos Santos e de dona Branca Elisa do Amaral Santos.

Fêz as primeiras letras no Grupo Escolar do Arouche e Liceu do Coração de Jesus, desta Capital.

Diplomou-se em ciências e letras, pelo Ginásio do Estado, da Capital, em 1920, matriculando-se, em seguida, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, por onde se diplomou no ano de 1925.

Dedicou-se à advocacia, com escritório em Piracicaba, onde se consorciou com dona Elisa Prado do Amaral Santos.

A convite de Armando de Sales Oliveira, então Governador do Estado, e dr. Fábio da Silva Prado, então Prefeito da Capital, ocupou o cargo de Diretor Geral da Secretaria da Câmara Municipal da Capital do Estado, logo após a reconstitucionalização e promulgada a Constituição do Estado de São Paulo, em 1935.

Desde 1937, faz parte do Departamento Jurídico da Prefeitura da Capital, exercendo atualmente as funções de Procurador-chefe da Procuradoria Judicial.

Concorreu, com o prof. Luiz Eulálio de Bueno Vidigal, à cadeira de Direito Judiciário Civil, vaga pelo falecimento do prof. Sebastião Soares de Faria, tendo sido aprovado, obtendo, assim o título de livre docente dessa disciplina.

Como livre docente de Direito Judiciário Civil, ministrou, por indicação do prof. Gabriel de Rezende Filho, cursos práticos dessa disciplina nos anos de 1955 e 1956. Substituiu o catedrático, prof. Gabriel de Rezende Filho,



PROFESSOR MOACYR AMARAL SANTOS

Novo titular da cátedra de Direito Judiciário Civil

nas suas licenças e impedimentos, bem como ao prof. Luiz Eulálio de Bueno Vidigal, nos meses de maio e junho do ano de 1957.

Por falecimento do prof. Gabriel de Rezende Filho passou a reger interinamente a cadeira de Direito Judiciário Civil, para cuja vaga concorreu, sendo aprovado e nomeado seu titular.

É igualmente professor da mesma cadeira na Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie, sendo membro do Conselho Universitário desta.

Exerce a advocacia e é consultor jurídico da Companhia Siderúrgica Paulista-Cosipa.

Desde a mocidade dedicou-se à política.

Nos bancos acadêmicos, fêz parte do chamado Partido da Oposição, compondo o seu Diretório. Como estudante, formulou e defendeu no Centro Acadêmico XI de Agôsto o projeto de eleição de seus diretores pelo voto secreto, aprovado após luta das mais intensas. Foi o Centro a primeira das associações brasileiras a adotar êsse sistema de voto.

Acompanhou a Liga Nacionalista na sua campanha pelo voto secreto, fazendo-se um dos seus mais ardorosos propugnadores.

Na sucessão presidencial, em 1922, colocou-se ao lado da candidatura de Nilo Peçanha, em oposição a Artur Bernardes, ocupando pôsto saliente entre os estudantes, que se organizaram em tórno do Centro Acadêmico de Reação.

Prestou serviços aos revolucionários de 1924, na Guarda Municipal que então se criou para proteção da população paulista.

Fundou, com Paulo Gonçalves, Marcos Mélega, Eurico Branco Ribeiro, Breno Ferraz do Amaral, Salvador de Toledo Piza Filho, Getúlio de Paula Santos e outros, em 1925, o Partido da Mocidade, que se irradiou por muitas cidades do interior do Estado, instalando-se, outrossim, no Distrito Federal e em vários Estados.

Fundado o Partido Democrático, desaparecendo a razão de ser do Partido da Mocidade, para aquêlê passou com a maioria dos seus companheiros de lutas, tornando-se um dos seus mais abnegados propagandistas, especialmente no interior do Estado, que percorreu por várias vêzes na difusão das suas idéias e dos seus candidatos. Passando a residir em Piracicaba, ali se constituiu um dos baluartes do Partido, fazendo parte do seu Diretório Municipal.

Fiel ao seu Partido, assinalou-se na campanha presidencial que antecedeu à Revolução de 1930, colocando-se ao lado da candidatura Getúlio Vargas, de quem, durante o pleito eleitoral, foi procurador numa vasta zona do Estado. Depois da Revolução, acompanhou o Partido Democrático no seu rompimento, em 1931, com o chefe do Govêrno Provisório.

Participou dos preparativos da Revolução de 1932, da qual foi soldado, sob o comando do então capitão Odilon Aquino de Oliveira, que a êle se referiu como soldado e companheiro de excepcionais qualidades, tanto nos serviços de organização como nos combates. Aprisionado em Silveiras, foi levado para o Rio de Janeiro e concentrado no Presídio da Ilha das Flôres.

Seguiu os companheiros na transformação do Partido Democrático para Partido Constitucionalista, do qual foi um dos fundadores. Continuando a residir em Piracicaba, organizou o núcleo local, de cujo Diretório sempre foi secretário-geral. Na convenção para escolha dos candidatos a deputados a Constituinte de 1935, recusou-se a aceitar a sua candidatura, sugerida por várias localidades do Estado.

Com o golpe de 1937, insurgiu-se públicamente, valendo-lhe a atitude não poucos dissabores. Transformou-se, sob as ordens de Antônio Carlos de Abreu Sodré e Antônio Pereira Lima, num dos mais ativos agentes revolucionários. Quando da noite sangrenta de 9 de novembro de

1943, em que os estudantes de São Paulo enfrentaram os policiais da Ditadura, já se encontrava preso, com vários companheiros, no Presídio Político da Avenida Tiradentes.

Fundador da União Democrática Nacional, secção de São Paulo, tornou-se um dos seus chefes mais respeitados, fazendo parte do seu Diretório Regional até cêrca de três anos, quando acompanhando o prof. Waldemar Ferreira, Henrique Bayma e outros, deixou a direção do Partido para os moços.

Aluno do Ginásio do Estado da Capital, foi redator do “xvi de Setembro”, órgão do Centro Ginásial xvi de Setembro. Na Faculdade de Direito, além de trabalhos publicados em vários jornais, colaborou na Revista xi de Agosto, da qual foi um dos redatores.

Fundou e dirigiu em Piracicaba, por largos anos, “O Momento”, diário noticioso e político, que grangeou o maior acatamento de tôda a população de uma vasta região do Estado.

Como advogado, deu à publicidade vários arrazoados e memoriais.

Obras publicadas, além de artigos em revistas especializadas:

*Responsabilidade do proprietário em face dos regulamentos administrativos sôbre direito de construir*, 1942, Departamento Jurídico da Prefeitura de São Paulo.

*Prova Judiciária no Cível e Comercial* — três vêzes laureada, com o primeiro prêmio, pelo Instituto dos Advogados de São Paulo, ed. Max Limonad:

- 1.º v. — *Parte Geral*, 2.ª ed., 1952;
- 2.º v. — *Da confissão e do depoimento pessoal*, 2.ª ed., 1953;
- 3.º v. — *Das testemunhas*, 2.ª ed., 1953;
- 4.º v. — *Dos documentos*, 2.ª ed., 1954;
- 5.º v. — *Dos exames periciais e das presunções e indícios*, 2.ª ed., 1955.

*Das condições da ação no despacho saneador*, 1946, Max Limonad;

*Introdução ao estudo do processo cominatório*, 1953, Max Limonad;

*Direito usual para engenheiros*, 1953, Max Limonad;

*Da fiança e de alguns dos benefícios do fiador*, separata da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 1954;

“*Cautio damni infecti*”, separata da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 1955;

*João Mendes Júnior, mestre de direito processual civil*, em Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 1957.

*Das ações cominatórias no direito brasileiro*, ed. Max Limonad, dois volumes, 1958.

*Da reconvenção no direito brasileiro*, ed. Max. Limonad, 2.<sup>a</sup> tiragem, 1959.

### Oração do Professor Moacyr Amaral Santos

Nomeado para a Cadeira de Direito Judiciário Civil por decreto de 19 de dezembro de 1958, tomou posse o novo catedrático em sessão solene da Congregação a oito de janeiro de 1959. Introduzido no recinto pelos Professores Ernesto de Moraes Leme, Honório Monteiro e Gofredo Telles Júnior foi saudado em nome da Congregação pelo Prof. Ernesto Leme. Em agradecimento pronunciou a seguinte oração:

“Ao assumir, pequenino e confundido, as alturas dêste resplandecente doutoral, divisado em sonhos numa mocidade que vai longe, volvo o pensamento para os dias de vida acadêmica, na esperança de encontrar quem me abone a identidade.

Os companheiros por aí estão, quase todos vitoriosos, mas com ares de espanto, propensos a jurar que me não

reconhecem, tanto difere o estudante desordenado e iconoclasta daquele que se atreve a aparentar serenidade e ponderação sob as vestes respeitáveis de apóstolo da ordem jurídica.

E os professôres? Ansioso, lanço um primeiro olhar e não os vejo. Estão ausentes todos, seus lugares por outros mais jovens ocupados. Mas não, — Deus seja louvado! — ali ainda está Braz Arruda, o Arrudinha dos velhos tempos, a dar-me sinal para que me aproxime sem receio. Seu abraço traz-me à recordação dias despreocupados e felizes, carregado de honrarias com que me acumulara sua fraternal amizade, e me incita a testemunhar-lhe o perene reconhecimento por haver-me salvo de morte certa. Foi assim: uma noite, moço estouvado, filho de proeminente figura política da época, pondo-me de improviso ao peito o revólver, exigiu-me sacrifício e humilhação, ou a vida, que lhe seria dada não tivessem a presença de espírito e a intrepidez do mestre e amigo desfeito o golpe alucinado.

Poucos meses antes, um outro Arruda, seu ilustre pai, dos doutos de então o mais douto, dentre os bons o melhor, com um exemplo para mim imorredouro documentava a sinceridade das suas persistentes pregações em defesa das liberdades, proporcionando-me condições para escapar das iras políticas. Haviam se retirado os revoltosos de Isidoro, com os quais por ideal me acumpliciara. Manhãzinha, portador de confiança me faz chegar às mãos um bilhete, que dizia: “A polícia anda no seu calço. Muito provavelmente o amigo estará desprevenido de recursos. Peça-lhe aceitar meu auxilio. Fuja. João Arruda”. Junto estava uma cédula de duzentos mil réis.

Não fôra escorado na oportunidade que a hora me oferece para proclamar tão magnânicos gestos, até hoje ignorados, dêsses dois insignes professôres, e que me acorrentam por gratidão à nossa Escola, formadora do espírito e do caráter da minha geração, não sei se me restaria coragem, já agora muito além do meio da vida, para apre-

sentar-me no vestibulo do santuário em que professais a religião dos justos, a pedir a honra de participar das vossas glórias e dos vossos trabalhos. É que, sem embargo da diplomação que me conferiu o concurso, a convicção da própria ignorância e da impossibilidade de atenuá-la, e mais ainda de dissipá-la, em confronto com o esplendor da sabedoria dêste augusto cenáculo de homens exponenciais, se convertia na tortura desesperante, a flagelar-me as carnes, esmagar-me o cérebro e aniquilar-me a vontade, na consciência de que seria corpo estranho na unidade das estrelas, satélite artificial, sem vida, sem luz, sem calor, tudo a impelir-me à negação de mim mesmo, fazendo-me fugir dos vossos olhos, para não baixar os meus.

Como vêdes, venho só, sem acompanhamento e sem adornos, morais ou materiais. Apenas um nome honrado, uma existência ativa e de trabalho, com uns poucos livros, que escrevi nas horas destinadas ao repouso. Nasceram êstes com o pensamento numa das muitas gentilezas tão do feitio do querido professor Aureliano de Gusmão, cuja casa hospitaleira acostumara frequentar conduzido pela mão amiga do seu filho Paulo, meu companheiro dos bancos acadêmicos. Certa vez, não me recordo a propósito de quê, mas com efeito para confortar-me com o seu carinho e convocar-nos, a mim e ao filho, ao prosseguimento dos estudos em comum, falou-me docemente, tocando-me de manso os ombros: “quem sabe um dia você me substituirá na cátedra!” Muitos anos depois, quando a escuridão ditatorial vedava aos brasileiros quaisquer cogitações de natureza política, assunto a que me afeiçoara desde a mais tenra mocidade, e mais de perto compreendi constituir o processo civil um dos instrumentos eficazes na defesa dos direitos individuais contra a onipotência do Estado, despertou-se-me à lembrança o doce velhinho, e com êle a disciplina que ensinara e difundira, envolvendo-me em grave devaneio aquela frase amável, tradutora da bondade de um coração que, sem acreditar nas possibilidades do destinatário, concedia entretanto lhe fôsse o acaso



propício. Assim envolta no sonho surgiu a minha pobre “Prova Judiciária”, a abrir caminho para outros despreziosos trabalhos, e que iriam influir na condescendência dos examinadores para me outorgarem a cátedra, que o destino, sempre inexplicável, me reservara.

Gabriel de Rezende Filho ocupava nesta Casa uma posição singularmente dominante. Filho e neto de notáveis professôres, simbolizava o desenvolvimento aperfeiçoado das virtudes professorais, e, na ciência do processo, a expressão mais acentuada da simbiose da tradição do direito pátrio com as doutrinas européias contemporâneas, renovação constante sem desgaste dos alicerces e da estrutura. Inexcedível como expositor, nele sobressaíam os conceitos lapidares, claros e precisos, sem rodeios inúteis, a que se conjugavam a erudição e os amores de João Mendes Júnior e Francisco Morato pelos venerandos praxistas, a vivacidade francesa de João Monteiro e o temperamento comedido de Estevam de Almeida e Aureliano de Gusmão, para só falar nos mais próximos antecessores seus na cátedra de direito judiciário civil. Nas suas águas límpidas remansaram Siqueira Ferreira, Soares de Faria e Almeida Amazonas, cada qual mais senhor da disciplina, e delas surgiram as máximas manifestações vivas do processualismo brasileiro, Bueno Vidigal, Alfredo Buzaid e Frederico Marques, que engrinaldam o corpo docente da nossa Faculdade. Liame entre o passado, que enobrecera, e o futuro, que desbastara de dificuldades, Gabriel de Rezende Filho, o meigo e suave professor Gabriel, não estava na hora de abandonar os seus discípulos em busca da paz do Senhor. Mas foi-se, foi-se inesperadamente e o destino, agora desajustando a harmoniosa sequência de luminares que, a partir de Fagundes Varela, dignificaram e engrandeceram a cadeira de direito judiciário civil, me fêz seu sucessor.

A distância entre sucessor e sucedido é por demais flagrante para que a vossa prudência, senhores professôres, não descobrisse remédio discreto capaz de moderá-la, salvando a solenidade da posse do risco de cair na insipidez

dos atos meramente formais. Outra não é a explicação da escolha do embaixador Ernesto Leme para saudar o recipiendário. Nome dos mais justamente consagrados na Casa e no país como pensador e jurista, estilista da língua e orador primoroso, o prof. Ernesto Leme desempenharia com relevo incomparável a função de desviar as atenções, dos vossos pares e dos hereges que invadissem o Templo, para as louçanias do seu labor literário, e abrandaria, movido pela velha amizade com que me aquece e a fidalguia dos seus apurados sentimentos, a humildade e o desapontamento do néo-empossado, tingindo-lhe o retrato de cores suficientes a satisfazer a tolerância das inteligências menos rigorosas na seleção dos valores destinados a continuar a obra ininterrupta dos fundadores da nossa Faculdade. Nesse sentido tomo, e por isso mesmo ainda mais agradecido lhe sou, às referências fraternalmente bondosas a minha pessoa e aos esforços meus, e duplamente também vos agradeço, senhores professores, a eleição para vosso intérprete de tão encantadora personalidade, que a um tempo me seduziu com o verbo apaixonante e me fêz esquecido de mim mesmo, triste figura de selvagem dentre doutos.

Armado cavaleiro sem saber manejar a espada, vou, entretanto, resolutamente, colocando-me no lugar mais duro das batalhas, expor-me aos assaltos, atraindo para mim as ondas atacantes. Do resultado não duvideis, entretanto, senhores professores, que, sem ter feito escola de armas, a experiência me ensinou a lutar. O pôsto a mim confiado não cairá impunemente e de qualquer forma o vosso e agora nosso pavilhão não passará a mãos sacrílegas. Embora destoante quanto ao vigor e brilho, elegância e sabedoria com que defendeis as tradições da Faculdade e a superioridade dos ensinamentos ministrados, tenho a consciência de que não vos envergonharei, mas, ao contrário, que acabarei respeitado por todos, mestres, alunos e funcionários, senão pelas virtudes, que não tenho, pela religiosa dedicação ao cumprimento do dever.

Faz muito quem dá o que tem. E a hora é de dar, não de pedir. Convulsionada pelas últimas guerras, des-norteada pelas filosofias pragmáticas em voga, insegura do dia de amanhã, que a um tempo lhe acena o paraíso da lua e os horrores da bomba de hidrogênio, mocidade é na verdade nau sem rumo. Dos pais, no momento, também enrodilhados em idênticos problemas e ainda supercarregados de responsabilidades de tôda a sorte, apenas ouvirão os moços o conselho de prepararem-se com habilidade para as canseiras e armadilhas de que a vida é cheia. Cabe aos professôres, e mui especialmente aos mestres de direito, ciência que desvenda e harmoniza os princípios que regem as relações humanas, cabe aos professôres, guias espontaneamente procurados pelos moços para a formação de sua inteligência, tomar a si o encargo gigantesco de desanuviar os conflitos que explodem nos seus espíritos ainda maleáveis, tirando-os do desassossêgo e da descrença, e conduzi-los por entre as trevas, que cegam, ou o lusco-fusco, que enerva e desespera, até as clareiras batidas do sol do entusiasmo, onde germinarão as sementeiras do amor e da paz entre os homens e os Estados. Nessa função heróica, feita de renúncias, estoicismo e bravura, terão os mestres que caminhar à frente e no mesmo passo apressado dos discípulos, ainda que ao final, missão cumprida, estropiados e famintos, sòmente possam balbuciar, com os últimos sopros da voz em febre: “esta é a vossa Canaan e o mundo é vosso, meus amigos, inteiramente vosso”. Se é preciso tudo lhes dar, com orgulho vos digo que lhes darei tôda a pouquidão dos meus conhecimentos, a soma das energias que me restam, uma vida inteira feita de experiências, dirigidas pela paciência que tranquiliza, pela esperança que alimenta, pela fé que acalenta, pela vontade que realiza, na convicção de que, sem nada pedir e tudo lhes dando, criaremos o Brasil de amanhã, a derramar bênçãos sôbre a nossa Faculdade.

Nada mais tendo a oferecer, porque tudo dando nada me sobra, haveis de vos contentar, senhores professôres,

com os agradecimentos do profundo da alma, que vos endereço indistintamente a todos pela generosidade do vosso trato, e permitir que em especial me renda a Waldemar Ferreira e Lino Leme, Vicente Ráo e Ataliba Nogueira, e ainda mais particularmente a Jorge Americano, por me ampararem nos instantes de depressão e descon-sôlo; aos brilhantes docentes-livres, por me distinguirem com os olhos da simpatia; aos talentosos rapazes que comigo disputaram a cátedra, pelas enternecedoras atenções que me dispensaram; aos amigos diletos, Almeida Amazonas, Moacyr Lobo da Costa e Alfredo Cecílio Lopes, pela profícua e incessante assistência que me prestaram; enfim, a minha mãe e a minha mulher, corações gêmeos ao meu, no sacrifício, nas orações, nas alegrias.

Isto dito, senhores professôres, determinai qual a minha tarefa. Estou aqui para vos servir”.